

AS CIÊNCIAS HUMANAS, AS CIÊNCIAS DA NATUREZA, A EDUCAÇÃO E O ENFRENTAMENTO À BARBÁRIE¹

Paulino José Orso²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

Luciana Cristina Salvatti Coutinho³

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, *campus* Sorocaba)

Como o próprio título indica, este capítulo se ocupa do processo de transformação da natureza, do homem e da sociedade. Tendo isso presente, procuramos fazer um balanço da história, analisar o passado e discutir o presente no intuito de reorientar o futuro, enfrentar a barbárie que se apresenta, resultado da atual forma de organização social, e construir uma sociedade efetivamente humana.

Acreditamos que os fatos e os dados com os quais nos debatemos sejam do conhecimento da maioria. Porém, mencionamos alguns deles na tentativa de juntar as informações dispersas, articulá-las e jogar luz sobre a situação de barbárie em que nos encontramos e contribuir para a luta e superação.

¹ Texto produzido como referência para a conferência proferida no XV Colóquio Nacional e VIII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico/UESB, cujo tema central foi “À beira do abismo: os caminhos da humanidade diante da ameaça de sua extinção”, realizado entre os dias 06 e 08 de novembro de 2024, em Vitória da Conquista/Bahia, Brasil, reelaborado em conjunto pelos autores tendo em vista a publicação deste capítulo.

² Doutor em História e Filosofia da Educação pela Unicamp, professor dos cursos de Pedagogia e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, líder do Grupo de Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil – GT da Região Oeste do Paraná – HISTEDOPR. Endereço eletrônico: paulinorso@uol.com.br.

³ Docente da UFSCar, campus Sorocaba. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação, Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil - HISTEDBR. Líder do GT do Histedbr da UFSCar, campus Sorocaba, Secretária Nacional do Histedbr, Editora da Revista Histedbr On-line. Endereço eletrônico: lucscoutinho@gmail.com

Primeiramente, é preciso dizer que não se combate o que não se conhece, ou então, que só se combate o que é e da forma como se conhece. Conhecimento, porém, não significa mera convivência com o cotidiano. Conviver com a barbárie é diferente de conhecê-la.

Mas, afinal, a qual barbárie nos referimos? Do genocídio dos povos originários? Do genocídio da população palestina pelo governo de extrema direita de Benjamin Netanyahu? Das mortes pela COVID-19? Das queimadas e destruição ambiental? Da poluição das águas e dos alimentos? Da violência contra as mulheres e do feminicídio? Da concentração da renda e das desigualdades sociais? Dos escândalos das emendas PIX? Da violência policial? Dos assassinatos por balas perdidas? Da violência no campo? Da liberação desenfreada dos agrotóxicos? Das chacinas em escolas? Do avanço da extrema direita e do fascismo? Da perseguição aos imigrantes? Das guerras provocadas pelo imperialismo estadunidense? Dos golpes de estado? Das desigualdades sociais? Da institucionalização da barbárie, inclusive, apoiada por quem sofre suas próprias consequências? Tem algo mais bárbaro do que isso? Enfim, são tantos os casos que é simplesmente impossível nominá-los.

Que a barbárie reina à nossa volta, não há como negar. Ela se estende desde a violência doméstica e o feminicídio, revela-se pela luta e disputa por migalhas ou por um pedaço de osso para matar a fome, estende-se pelos criminosos bloqueios econômicos contra países, pessoas e governos que não se submetem incondicionalmente aos ditames do império do norte, do capital e de seu braço armado, como no caso de Cuba e da Venezuela, camufla-se por meio de uma tempestade de *fake news*, manifesta-se pela concentração de renda, pelo avanço da extrema direita e do fascismo, pelas propagandas nazistas, e, no limite, tem sua maior e mais grosseira expressão no massacre e genocídio dos palestinos, por Israel, sob a complacência, proteção, vigilância e apoio dos Estados Unidos e da União Europeia.

Como a barbárie não tem fim, por um lado, há de se cuidar para que nossa atenção não seja absorvida e fique restrita somente aos

fenômenos aparentes. Por outro lado, deve-se cuidar para não cair no academicismo, em análises abstratas e supostamente neutras e isentas.

Diferente do que faz a imprensa corporativa e as mídias digitais, que somente informam, quando não desinformam, distorcem e deformam os fatos e a realidade, e, diferentemente do academicismo, que se encapsula e se fecha em si mesmo, sem considerar os antagonismos de classes e a totalidade social, cabe-nos ir além dos fenômenos imediatos; desvelar suas razões exige aprofundar a análise, revelar aquilo que se esconde, sua essência.

Afinal, como nos diz Marx (1986, p. 271), “[...] toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente [...]”. Quer dizer, precisamos produzir conhecimento verdadeiro, sob pena de não conseguirmos enfrentar os problemas adequadamente. Noutras palavras, trata-se de, por meio da análise, decifrar a realidade para não sermos devorados por ela.

De todo modo, a sensação é que a humanidade corre um risco real de extinção, seja pela destruição ambiental, pelas guerras, pelas pandemias, pela inteligência artificial (IA) ou pelas bombas atômicas. A sensação é que já nos encontramos num ponto de não reversão. Bom seria se tudo isso não passasse de frases de efeito ou peças de retórica. Mas não. As catástrofes climáticas e os problemas sociais e humanos se encontram à nossa porta.

É claro que a humanidade já passou por muitas crises e por muitos momentos difíceis. É até surpreendente que ainda estejamos vivos. Nenhum desses, porém, sobressai-se ao que presenciamos no momento.

Nessa curta trajetória pelo planeta, deixamos para trás as comunidades primitivas, o escravismo e o feudalismo. Também “degustamos” algumas experiências socialistas. Contudo, hoje, não só vivemos sob o império do capital, fundado na propriedade privada, marcado pelos antagonismos sociais e pelas lutas de classes, como nos deparamos com desigualdades sociais incommensuráveis.

Contudo, como o mundo, a sociedade e o homem se transformam o tempo todo, o mesmo ocorre com o capitalismo, que

já dura aproximadamente quinhentos anos. Assim, pode-se falar que o capitalismo é o mesmo, mas já não é mais o mesmo. Em função disso, para entender o que ocorre no atual momento, que nos deixa aflitos, não basta falar que vivemos numa sociedade capitalista.

É claro que, se compararmos o modo de produção capitalista com o escravismo e o feudalismo, perceberemos um extraordinário desenvolvimento das forças produtivas, isto é, na habilidade humana, no conhecimento, nas ciências da natureza, nas ciências humanas, nas ciências sociais e na tecnologia, que possibilitaram um aumento formidável na capacidade de produção de bens materiais e na resolução de inúmeros desafios, inclusive, ampliar significativamente a expectativa de vida.

No ano 1000, por exemplo, a expectativa de vida não ultrapassava os 24 anos. No Brasil, no início do século XX, era de 33 anos. E em 2022 chegamos a 76,4 anos. Quer dizer, em um curto espaço de tempo, mais do que duplicamos a expectativa de vida, tivemos um incremento de 41,4 anos. A taxa de mortalidade infantil caiu 90,6%, passou de 146,6 óbitos por mil nascidos vivos para 13,8 óbitos por mil. No mundo, em 2023, a expectativa de vida atingiu a média de 73,3 anos e, em Cuba, apesar do bloqueio criminoso dos Estados Unidos, chegou a 78 anos. Mônaco, o qual é o segundo menor país do mundo, possui a maior expectativa de vida, chegando a 87 anos. Isso é resultado do acaso, de um milagre, da providência divina? Não. É resultado do desenvolvimento técnico e científico.

O fato é que hoje nos encontramos na etapa mais desenvolvida da história, tanto em termos de produção de conhecimento científico e de tecnologia, quanto na capacidade de produzir bens materiais.

Com relação à produção de conhecimentos, a quantidade é tão grande que, para medi-la, são utilizadas diferentes unidades, desde bits, bytes, kilobytes, megabytes, gigabytes, terabytes, petabytes, exabytes e yottabytes, que equivalem à capacidade de armazenamento de 1.000.000 exabytes, ou então, de 10 elevado à 24ª potência.

Nesse contexto, os avanços na biologia, na química e na física, da mesma forma que na mecânica, na agricultura e na saúde, foram

espantosos; as comunicações se tornaram extremamente rápidas; o globo se tornou uma aldeia toda conectada; fizemos descobertas e chegamos a lugares que nossos antepassados jamais poderiam imaginar; e, em relação à produção de mercadorias, produzimos cada vez mais, com maior precisão, num espaço de tempo decrescente.

É provável que fiquemos um tanto espantados e deslumbrados com a quantidade de conhecimentos, com as facilidades e com os bens materiais que produzimos. É importante lembrar, porém, que todo esse conhecimento e essa imensa quantidade de produção material, resultado do trabalho histórico e coletivo, não se reverteram em benefício do conjunto da humanidade. Muito ao contrário. Presenciamos uma colossal desigualdade. Adicionamos anos à vida, mas não acrescentamos humanidade aos anos, nem transformamos o mundo no paraíso terrestre, e, muito menos, construímos uma sociedade pacífica, amorosa e solidária.

Quer dizer, aquilo que poderia ser sinônimo de desenvolvimento, de progresso e bem-estar para todos, aliado a um modo de produzir a vida assentado sobre a propriedade privada e as classes sociais, que, no atual momento, caracteriza-se como modo de produção capitalista, ao invés de possibilitar o desenvolvimento do ser humano em plenitude, tem provocado grandes crises, aumento da violência, guerras e uma concentração de capital crescente.

Para ter uma dimensão da concentração de renda e do atual estágio em que nos encontramos, vejamos alguns dados. Na América Latina, 51,19% de toda a terra fica com somente 1% dos proprietários rurais. No Brasil, de acordo com o IBGE (2017), 0,91% dos imóveis rurais concentram 45% do total da terra; 0,3% concentram um quarto (25%); 10% ocupam 73% da área agrícola; 90% ficam com somente 27% da área; e os 47% dos imóveis menores ficam com menos de 2,3% da terra. Em todos os estados, 10% dos proprietários controlam mais de 50% da área rural. O agronegócio controla 77% das terras e recebe 87,1% do crédito rural.

Uma única fazenda (Fazenda Nova Piratininga), localizada nos estados de Goiás e Tocantins, possui 135 mil hectares, ou então, 1.350

km². Isso equivale a toda a área ocupada pelas metrópoles do Rio de Janeiro ou Nova York. Se estendêssemos essa área numa linha reta, teríamos 211 km a mais do que a distância entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre.

As fazendas do maior produtor de grãos do planeta, Blairo Maggi, do Partido Progressista, do Mato Grosso, sozinhas são responsáveis por 5% de toda a soja produzida no país. As fazendas da empresa Amaggi possuem mais de 252 mil hectares ligados às atividades de pecuária, agricultura e reflorestamento (Amaggi, 2024). Nada obstante, a despeito dos subsídios e privilégios que recebem do governo, os grandes proprietários de terra que controlam mais de 5 milhões de hectares, têm uma dívida com o governo maior do que o valor da própria terra.

Em decorrência do poder do agro, chega-se ao absurdo de que um país que tem uma população majoritariamente urbana (86%), elege 52,6% dos deputados e 33,3% dos senadores ligados ao agronegócio (IBGE, 2011), cuja preocupação para uma minoria deles é somente o meio rural. Por isso, não estranha que, dado seu poder, os latifundiários transformem o Congresso num balcão de negócios e consigam impor praticamente tudo o que querem. Haja vista que a bancada do agro, com mais de 300 deputados, é a maior do Congresso, e a ela, em geral, soma-se a bancada da Bíblia/evangélica, com 228 parlamentares, e a da bala, com 103 políticos. Muitos políticos circulam por diferentes bancadas. E em outubro de 2025, foi criada oficialmente a bancada cristã, com 398 votos a favor e 30 contra. Isso representa uma confusão entre a religião e a política, com sérios riscos de se instituir uma espécie de teocracia e possibilidade de desencadear sérios problemas sociais.

No caso do capital financeiro, parasita por excelência, que não produz sequer uma agulha, o oligopólio é gigantesco. Toda a circulação de capital em âmbito mundial é controlada por somente 28 grandes bancos. São eles que praticamente decidem os rumos do planeta e o destino dos governos e dos indivíduos. No Brasil, de acordo com os dados do Relatório de Economia Bancária (REB), os cinco maiores bancos do país (Banco do Brasil, Caixa, Itaú, Santander e Bradesco)

concentram 81,2% de todos os ativos do setor bancário comercial. Além disso, as opiniões e comentários sobre economia na grande mídia são feitos por economistas ligados aos grandes bancos. 73% de todo jornalismo econômico é financiado por grandes bancos (Banco Central do Brasil, 2020).

A concentração de capital é tão absurda que, em 2016, o faturamento da Walmart foi de 476,2 bilhões de dólares. Isso significa que é maior que todo o PIB da Bolívia, do Paraguai, do Equador, do Uruguai, da Nicarágua, de Honduras, de Costa Rica, do Panamá, da Guatemala, de Cuba e do Haiti juntos, que possuem uma população de mais de 100 milhões de habitantes. E são esses grandes conglomerados que controlam praticamente toda a produção e distribuição de alimentos. Quer dizer, em suas mãos está o poder e o controle de vida e morte de bilhões de pessoas.

Com o avanço das tecnologias digitais e da IA, as medidas da riqueza podem ser acompanhadas em tempo real. No início de 2026, por exemplo, a fortuna de Elon Musk, dono da Tesla, SpaceX, X e várias outras empresas, ultrapassou US\$ 838 bilhões, equivalendo a 4,6 trilhões de reais.

O empresário Jensen Huang, dono da gigante Nvidia, a mais valiosa do mundo, que domina 100% o mercado de Unidades de Processamento Gráfico (GPUs) para inteligência artificial, com seus chips sendo essenciais para o desenvolvimento e operação de praticamente todos os grandes modelos de IA existentes hoje, está avaliada em US\$ 3 trilhões. Isso significa que tem uma fortuna de US\$ 186,7 bilhões a mais do que Jeff Bezos, dono da Amazon, o segundo colocado na lista das 10 pessoas mais ricas do mundo, que possui US\$ 242,5 bilhões (R\$ 1,44 trilhão).

No setor de comunicações, oito conglomerados estadunidenses controlam 94,5% das comunicações veiculadas no país. De acordo com Ben H. Bagdikian (2000, p. 20 e 21), a concentração caminha a passos largos.

Em 1983, cinquenta corporações dominavam a maior parte de todos os meios de comunicação de massa. [...] Já em 1987, essas

cinquenta empresas ficaram reduzidas a 29. [...] Em 1990, [...] se reduziram para 23. [...] Em 1997, as principais empresas eram somente dez, em número de dez.

No ano de 2000, o controle midiático se reduziu a 6 grandes corporações: a Time Warner, Walt Disney, Viacom, News Corporation, CBS Corporation e General Electric/NBC Universal, as chamadas “Big Six”. Por fim, em 2004, concentraram-se em somente 5 mãos, responsáveis pela produção e distribuição das informações em todo o mundo.

No Brasil, de acordo com o Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Epcom), 6 redes de TV aberta e seus 138 grupos regionais afiliados controlam (2002) mais de seiscentos veículos de comunicação, entre TVs, rádios e jornais brasileiros.

A Globo, da família de Roberto Marinho (falecido), por exemplo, reina absoluta. Criada durante a ditadura, tornou-se a segunda maior rede de TV do planeta, somente atrás da estadunidense ABC. Ela domina 36,1% do mercado nacional. Possui mais de 12 mil funcionários, chega a mais de 95% dos lares brasileiros, tem um faturamento de mais de R\$ 17,37 bilhões e é a 11ª a marca mais valiosa do país, superior ao Banco do Brasil e à Caixa Econômica Federal. O SBT da família Sílvio Santos (falecido), a Bandeirantes de João Jorge Saad (falecido) e a Record do Edir Macedo, juntas, controlam pouco mais da metade da Globo, ficando com 21,1% do mercado. Registre-se, porém, patrocinadas pelo grande capital e estão a seu serviço.

No caso dos serviços de internet via satélite, segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a Starlink, de Elon Musk, controla 58% do mercado brasileiro.

No ramo das *big techs*, somente cinco megaempresas: a *Microsoft*, de Bill Gates; a *Amazon*, de Jeff Bezos; a *Apple*, de Steve Jobs; a *Alphabet/Google*, controlada por Sundar Pichai; e a *Meta* (*Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *Threads*), de Zuckenberg, às quais se soma o X, antigo *Twitter*, criado, pelo ultradireitista Elon Musk (que controla a *Tesla*, *SpaceX*, *Neuralink*, *OpenAI*, *Solar City*, *The Boring Company* e *Starlink*), dominam quase a totalidade da produção, reprodução e

distribuição de informações e/ou de desinformação do planeta. Essas megaempresas controlam cerca de 90% do mercado de tecnologia e praticamente todo o mercado de inteligência artificial. Todas elas estão sediadas nos Estados Unidos, ligadas ao complexo industrial-bélico-militar, à extrema direita, ao governo de Donald Trump. De acordo com a Forbes, das dez pessoas mais ricas dos EUA, somente duas não são do setor da tecnologia.

Juntas possuem um capital de mais de 8 trilhões de dólares, o que significa mais do que quatro vezes o PIB do Brasil, que tem uma população de 216 milhões de habitantes, e mais do que o dobro do PIB da Índia, o país mais populoso do planeta, que detém um PIB de US\$ 4,1 trilhões e uma população de 1,458 bilhão de pessoas.

Somente em 2025, a fortuna de Elon Musk, Mark Zuckerberg, Jeff Bezos e Larry Ellison aumentou em mais de US\$ 315 bilhões.

Ademais, é importante destacar que, em meio à profunda crise capitalista e do império estadunidense, em 20 de janeiro de 2025, em Washington, D.C., Donald Trump tomou posse para seu segundo mandato como Presidente dos Estados Unidos. Numa demonstração do poder e domínio das *big techs* no novo contexto mundial e no novo governo, ao lado de seus ministros, como convidados de honra, figuraram os magnatas Elon Musk (*X e Tesla*), Jeff Bezos (*Amazon e Blue Origin*), Mark Zuckerberg (*Meta*), Shou Chew (CEO do *TikTok*), Sundar Pichai (diretor da *Alphabet/Google*) e Tim Cook (CEO da *Apple*).

Aliado a esses problemas, a concentração de riquezas se agrava ainda mais quando vemos que os diferentes ramos do capital, em geral, articulam-se e se entrelaçam uns aos outros.

No Brasil, em 2001, por exemplo,

[...] das 37,5% das concessões de rádio e TV, pertenciam a políticos. Constatou ainda que cinco governadores de Estado e 47 deputados eram oficialmente donos de emissoras de rádio ou TV. Em 2004, um levantamento do Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação revelou que 30 senadores possuíam relação direta ou indireta com veículos de comunicação (Magalhães, 2024).

Assim, latifundiários, empresários, banqueiros, donos de empresas de comunicação e *big techs*, donos de igrejas e políticos transformam-se num verdadeiro monstro, o capital. Dentre as 10 pessoas mais ricas do mundo, somente uma delas, Bernard Arnault & Família (LVMH), não é dos Estados Unidos. 50% de toda a riqueza produzida no planeta é apropriada por somente 1% dos terráqueos, quer dizer, 80 mil pessoas concentram metade de toda a riqueza do globo.

Se considerarmos que o Produto Interno Bruto (PIB) global de 2024 está estimado em US\$ 110 trilhões (R\$ 635 trilhões), cerca de US\$ 55 trilhões são controlados por somente 1% da população, de um total de 8,2 bilhões de habitantes em 2025 (FMI, 2024; OXFAM, 2025). À medida que os demais 99% ficam com o resto. As oito pessoas mais ricas do planeta detêm uma fortuna de US\$ 426 bilhões. Isso representa uma riqueza maior que a controlada pela metade da população mais pobre do planeta. Ou seja, 8 pessoas possuem mais riquezas que 4 bilhões de pessoas.

No caso do Brasil, de acordo com os dados divulgados pela ONG britânica Oxfam, as cinco pessoas mais ricas (Jorge Paulo Lemann, Joseph Safra, Marcel Herrmann Telles, Carlos Alberto Sicupira e Eduardo Saveri) detêm mais riquezas que a metade mais pobre da população do país, isto é, cinco pessoas possuem mais riqueza do que 101,5 milhões de brasileiros.

E o problema não para aí. Afinal, o apetite do capital é insaciável, não tem fim. Necessita acumular cada vez mais, o tempo todo. E, para isso, implode tudo o que encontra pela frente.

Nesse contexto, não estranha que o Brasil, mesmo sendo um país majoritariamente urbano e composto por trabalhadores, contraditoriamente, dos 594 políticos, 72% deles sejam empresários e latifundiários, 273 e 160, respectivamente. Aproximadamente 400 deles, declaram-se de direita ou de extrema-direita, defendem pautas moralistas, conservadoras, sabotam o governo e são contra os trabalhadores.

Todavia, “para a imprensa, o Congresso Nacional veste o macacão de bombeiro das contas públicas, reclamando dos incêndios do governo federal”. No entanto, “quando as câmeras são desligadas, ele tira o macacão e volta para a grande suruba dos mais ricos, um grande grupal econômico, do qual participam sortudos do setor público e do setor privado desde a fundação de Pindorama.” Contudo, como sempre, “no final, quem limpa a sujeira são sempre os pobres, utilizando seu salário-mínimo como esfregão.” Assim,

[...] seguimos parecidos como um navio remado por trabalhadores que, a qualquer sinal de tempestade, aumentam a frequência do estalar do chicote, enquanto poupam meia dúzia de passageiros ricos. Ironicamente, uma parte dos remadores não questiona a exploração, mas rema sonhando feliz ao ver a imagem dos mais ricos glamourizando no Instagram. (Sakamoto, 2025).

É nesse contexto que precisa ser entendido por que o Congresso aprovou a Reforma Trabalhista, a Terceirização, a Reforma da Previdência, retira direitos dos trabalhadores, privatiza as comunicações, a energia, a água, as escolas, concede cerca R\$ 800 bilhões em isenções fiscais para grandes empresários. Quer dizer, a persistir nesta toada, com a transferência da “riqueza” dos pobres para os ricos, logo estaremos privados de tudo – “quando tudo for privado, estaremos privados de tudo”.

No entanto, é importante lembrar que toda essa riqueza não é outra coisa senão produto do trabalho dos trabalhadores. Mas, devido à divisão social e à concentração de capital, sobra pobreza e violência. Como nos diz Marx (2004, p. 80),

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza [...] torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. A *desvalorização* do mundo humano aumenta na razão direta do *aumento de valor* do mundo dos objetos.

Em consequência, das 8 bilhões de pessoas que vivem no mundo, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 1,1 bilhão de pessoas, ou seja, 1 de cada 8 pessoas, vivem na pobreza multidimensional, sem acesso às necessidades básicas como água potável, alimentação satisfatória, moradia, saúde e educação adequadas (UNDP; OPHI, 2024).

No Brasil, segundo o Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, divulgado em 2024, enquanto, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), quase 1/5 da população nos últimos três anos não teve acesso à alimentação adequada e 8,4 milhões passaram fome, 0,1% mais ricos da população teve rendimento médio anual de 21,5 milhões de reais. E, em média, cada um dos componentes desse grupo deduziu R\$ 295,4 mil de imposto de renda, num total de 12,1 bilhões de reais. Todavia, pela primeira vez na história do país, graças às políticas sociais promovidas pelo Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2026, o Brasil alcançou o patamar de desenvolvimento humano “muito alto”, atingindo um IDHM de 0,805.

Quer dizer, em meio à riqueza, abunda a pobreza. Mas, apesar de se poder medir a pobreza dos trabalhadores por uma série de fatores, pelo salário, pelo dinheiro que se tem no bolso, pela quantia de bens que se consegue comprar, pelas viagens que se consegue fazer ou não, enfim, por diversas formas, nada expressa melhor a dimensão da pobreza do que confrontar a quantidade de riquezas que produzimos com as migalhas que usufruímos.

E, como subproduto dessa desigualdade social, temos a violência. De acordo com o Instituto de Economia e Paz (IEP), de um total de 163 países analisados, o Brasil se encontra na 132ª posição no ranking global da paz. Integra a lista de 25 países com “baixa segurança”, situa-se ao lado de Israel e Palestina.

Em São Paulo, de acordo com reportagem do jornal Folha de São Paulo (22/10/24), sob a gestão do governador Tarcísio, em 2024, as mortes pela polícia crescem 78%. De acordo com a Rede de

Observatórios da Segurança, 87,8% das pessoas assassinadas pela polícia no Brasil, em 2023, eram negras.

No entanto, nesse contexto, enquanto as escolas são sucateadas e transformadas em cívico-militares ou privatizadas, a Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados, composta por “cidadãos de bem”, aprovou a transformação dos clubes de tiro em Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), equiparados à saúde, à educação e assistência social, e trabalhou intensamente para anistiar os golpistas de 8 de janeiro de 2022. Além disso, não deixa de ser sintomático que o “Agronegócio financia *lobby* para patrulhar livros didáticos” e que as empresas contratadas para administrar cemitérios em São Paulo sejam as mesmas contratadas pelo governador Tarcísio para construir e gerenciar as escolas.

Como dissemos, apesar de o capital se encontrar extremamente concentrado, não admite barreiras, nem fronteiras; sua fome é insaciável, necessita acumular e se concentrar cada vez mais. Para isso, explode as relações sociais e tudo o que se encontra à sua volta.

Isso significa que o resultado da combinação de uma altíssima concentração de capital com um extraordinário desenvolvimento das forças produtivas, articulado com um império moribundo, armado exageradamente, não poderia ser outro senão muita violência, destruição e guerras, numa palavra, barbárie.

Some-se a isso, o extraordinário e meteórico desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA), que está revolucionando o mundo do trabalho, as comunicações, a produção, enfim, toda a vida social. De acordo com ninguém menos que Bill Gates, o fundador da Microsoft, a IA destruirá quase todos os setores de emprego existentes na atualidade, inclusive a educação. Traduzindo, significa que os trabalhadores estão sendo empurrados para o abismo, condenados à sua própria sorte, enquanto o capital concentrará ainda mais riquezas.

Quer dizer, no momento em que a ciência e a produção, caso fossem socializadas, poderiam mitigar os esforços humanos, garantir a educação de qualidade, reduzir os problemas sociais, humanos e ambientais, majorar significativamente o tempo de ócio e possibilitar o

desenvolvimento integral do ser humano; ao invés disso, concentra privilégios, precariza o trabalho, destrói a escola pública e pauperiza os trabalhadores.

Como o capital tem uma necessidade ilimitada de acumulação, trata primeiramente de remover seus entraves. Como ocorreu no caso do Brasil em 2016, derrubou a presidente Dilma Rousseff. Depois, passou ao ataque aos trabalhadores. Congelaram os gastos em educação e saúde por 20 anos, desmantelaram os sindicatos, promoveram a reforma trabalhista, a terceirização ilimitada e a reforma da previdência.

Além disso, atacaram a educação e a saúde pública, fizeram a reforma do Ensino Médio e instituíram a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – sem discussão com os docentes; atacaram o currículo e o professor; patrocinaram o negacionismo e esvaziaram os conteúdos e a escola pública⁴, e, sobre os escombros dessa destruição, transformaram o indivíduo no único responsável por si e por seu destino e instituíram a meritocracia, a teologia da prosperidade e o empreendedorismo de si mesmo; disseminam as *fake news*, instigaram o fundamentalismo e o conservadorismo religioso e promoveram o ódio; incensaram a extrema direita e o fascismo; e fomentaram conflitos e guerras.

No caso do Brasil, sob a alegação de que tínhamos um currículo atrasado, com muitas disciplinas e conteúdos, os eminentes “sábios” políticos, manietados pelo capital, transformaram a educação e a escola em seus alvos preferidos, acabaram com a autonomia dos professores e das escolas, atacaram as ciências humanas, as ciências da natureza e as ciências sociais, esvaziaram as possibilidades de se ensinar e aprender, reduziram o ensino às “competências e habilidades”, e o que restou das escolas, numa atitude fascista, querem transformar em

⁴ Abro aqui um parêntese para indicar a leitura de meu livro “Um espectro ronda a educação e a escola pública”, com acesso gratuito pela Navegando Publicações (https://56e818b2-2c0c-44d1-8359-cc162f8a5934.filesusr.com/ugd/35e7c6_c8ec52e852be49fcb703142d9061ac35.pdf) e também de meu artigo intitulado “O liberalismo em perspectiva histórica: do grito de liberdade à devastação ultraliberal”. Para localizar, basta jogar o título no google, seguido do meu nome.

cívico-militares ou terceirizá-las/privatizá-las, para submeter os alunos à sua doutrinação, adestrá-los e adequar toda a educação aos interesses do capital, de tal modo que, ao adentrarem no mercado de trabalho, não ofereçam nenhuma resistência aos seus patrões.

O motivo de todos esses ataques à educação, como afirmou Nelson Mandela, em 2003, deve-se ao fato de que “A educação é a arma mais poderosa que você pode utilizar para mudar o mundo”.

Em vista disso, no momento em que a ciência se encontra extremamente desenvolvida e que os trabalhadores conquistaram a possibilidade de acesso à escola e aos conhecimentos elaborados, que poderiam revolucionar as relações existentes, o capital destrói a escola, fomenta o individualismo e impede os alunos de compreenderem a realidade e de tecerem a menor crítica a ela.

Enquanto isso, concentra as riquezas, ao mesmo tempo em que espalha e globaliza a barbárie. E, para não ter resistência, como a ciência se transformou num meio de conhecimento da realidade e de possibilidade de transformação, por um lado, trata de combatê-la e negá-la, e, por outro, de alimentar ilusões e fantasias, e deslocar a atenção do essencial, os antagonismos sociais. Como diria Saviani (2011), como os dominados necessitam dominar aquilo que os dominantes dominam para se libertarem, tratam de impedi-los de acessar os conhecimentos e, conseqüentemente, alijá-los dos bens materiais.

Em suma, parece que a barbárie se transformou numa forma de vida. De todo modo, não se acaba com barbárie somente prendendo ou eliminando “os bárbaros”. O fim da barbárie pressupõe o fim daquilo que causa a barbárie: a propriedade privada, a sociedade de classes e o capitalismo. Mas, como o monstro é poderoso, grande e forte, faz-se necessário superar o individualismo, construir a consciência e a unidade de classe, a luta coletiva, tanto na escola como nos sindicatos, nos movimentos populares e nos partidos comprometidos com a transformação social. Trata-se de os trabalhadores assumirem a direção do seu destino.

Para isso, como diria Che Guevara,

Cresçam como bons revolucionários. Estudem bastante para poder dominar as técnicas que permitem dominar a natureza. Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir no mais profundo de vocês mesmos qualquer injustiça praticada contra qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo. Essa é a qualidade mais linda de um revolucionário.

Se seguirmos as admoestações de Che, não há dúvida de que a barbárie não resistirá. Caso contrário, não será necessário falar qual será o destino.

Referências

AMAGGI. *Relatório de sustentabilidade = ESG Report 2024*. Cuiabá: Amaggi, 2024. Disponível em: <https://www.amaggi.com.br>. Acesso em: [inserir data de acesso].

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Relatório de economia bancária 2019*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2020.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. *World Economic Outlook*. [S. l.]: FMI, out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo agropecuário 2017: resultados definitivos*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MAGALHÃES, Adriana. *Especial Comunicação 5: entenda as causas da concentração dos meios de comunicação no Brasil*. Rádio Câmara, 14 ago. 2006. Disponível em: <https://www.camaraleg.br/radio/programas/274198-especial-comunicacao-5-entenda-as-causas-da-concentracao-dos-meios-de-comunicacao-no-brasil>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Disponível em: <https://www.marxists.org>. Acesso em: 16 out. 2024.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1986. v. 3, t. 2.

OXFAM. *Do lucro privado ao poder público: financiando o desenvolvimento, não a oligarquia*. [S. l.: s. n.], 2025.

SAKAMOTO, Leonardo. *Congresso protege ricos e pobres arcam com os custos*. UOL Notícias, [s. d.]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2008.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME;
OXFORD POVERTY AND HUMAN DEVELOPMENT
INITIATIVE. *Global multidimensional poverty index 2024: poverty and conflict*. New York: United Nations Development Programme, 2024.